NOVAS DA GALIZA
APARTADO 39 (15701) COMPOSTELA - GALIZA / TEL: 630 775 820 / PUBLICIDADE: 699 430 051 / info@novasgz.com

OPINIOM	2	A FUNDO	10
EDITORIAL	3	ANÁLISE	13
NOTÍCIAS	4	CULTURA	16
INTERNACIONAL	8	DESPORTOS	19

EVARISTO | CANTANTE DE GATILLAZO

“A gente de cada geraçom tem a sua própria cabeça e saberá inventar”

C. BARROS / Sem apelidos, Evaristo, o que fora vocalista e ideólogo de La Polla Records continua a carreira artística com a banda Gatillazo, depois de ter colaborado com gente de RIP na ediçom dos discos The Kagas e The Meas. Energia em estado puro e agudeza radical na crítica perante um sistema e um mundo que nunca o acabou de convencer. Nascido na paróquia de Guilharei (Tui), logo foi dar ao País Basco. Após perto de trinta anos nos palcos, continua com fúria e muito sentido do humor, berrando forte, embora a nova agrupaçom tenha ainda caminho por andar para chegar à difusom que tivera nos anos oitenta. Isso sim, por ele nom vai ser, e já prepara o repertório para o segundo disco de Gatillazo.

- Parece que nom vais parar mais...
- Pois nom che sei dizer. Sabes tu o que vais durar? Por empenho sim, pois senom que vou fazer? Polo menos até que o filho tenha 15 anos e poda viver dele.

- Há de fazer falta mais punk?
- Isso som pareceres. A gente de cada geraçom tem a sua própria cabeça e saberá inventar. Nom necessariamente lhe tenhem que chamar punk, mas penso que acontecerá. O que estaria feio seria que fosse eu ou alguém a dizer-lhe como tem que ser.

- Fica algo da Galiza em ti?
- Pois um pouquinho da fala e pouca cousa mais rapaz. Fum à Galiza e nom o sentim; moro em 'basquilándia' e a verdade é que tampouco o sinto, de verdade. Ficou-me todo em lembrança cerebral, já nom sei.

- Dim que falas galego aos filhos?
- Um pouquinho. Eles falam-me em basco e eu tenho que aprender. Já levo ali desde que tinha 7 meses, foda-se. Já há tempo disso, mas tenho que reconhecer que quando falei com a minha madrinha falei muito melhor galego que agora, igual porque era a madrinha, eh!.

- Cozinha-se novo disco?
- Temos novos temas para tirar outro mas ainda nom temos com quem. Já está feito, há já 13 com letra. Faltam-me 8, mas tenho demasiadas parvadas para dizer nelas.

- Segues criticamente na SGAE...
- Ainda que som parte, o meu dever é dizer a verdade, som uns ladrons, como já lhes cantei. Quando tiramos os primeiros discos de La Polla, dixérom-nos que se nom reclamássemos, a nossa parte iria para os cinco primeiros artistas 'nacionais', daí, dessa naçom. E naquele tempo um deles era Julio Iglesias. Por isso nos fixemos 'autores', antes do 'No Somos Nada', e desde entom nom me fum, porque sei que é um roubo que se vai cometer em meu nome a nom ser que me ponha a vender discos de tenderete em tenderete. Enquanto consinta que se editem milhares de discos, vai ter que passar pola SGAE do caralho. Logo penso que seria de parvos nom ficar com o meu depois de que tirem o seu módico 20% pola gestom. Já sei que nom é justo de todo e blá, blá, mas também levo calças, e estou certo de que o chefe da fábrica onde fôrom feitas é um 'filho da puta', desculpe a expressom. Convém-me ser claro.

- Quando vens tocar à Galiza?
- Tem que coincidir. Gatillazo é outra história, e igual tem menos pressa na vida da que tinha La Polla. Daquela andávamos com mais pressa.

- Como valoras os movimentos de libertaçom nacional?
- Penso que se discute muito entre a gente de esquerda por parvadas. Lembro as festas de Vitória, em que havia 17 partidos comunistas que nom se falavam entre eles, sempre o tivem em conta. É como na Guerra Civil, as divisons tivérom muito a ver com que se perdera. Os outros usavam um chefe com látego que fazia funcionar os bonecos a toda a 'óstia'. Aqui discutia-se toda a teoria do teorema, a propósito com muita emboscada também, e enquanto discutíamos entre nós a postura correcta para mandar aqueles cem soldados... o outro já che mandara um bombardeio alucinante. Na minha postura, todo o que veja próximo, de esquerda, para o meu entender está bem. Agora, com os da minha quadrilha também teria que ter debates... e blá, blá, blá Menéndez.

- Há futuro?
- Foda-se, eu que pensava que nom e tenho 46 anos... Mas o alzheimer será o último que me vaia esquecer... O Parkinson é outra história, é só um arrepio. E para mais sendo cantor nom dá problema.

- Lembras Guilharei?
- Lembro a banheira que usavam como alambique para o aguardente. E também o quarto que estava quase a cair na casa velha onde nascim. Estivem até os 7 meses e fum algumha vez de férias, de neno amargado de 10 anos, um 'tocapelotas'... a verdade é que se tenho um filho assim mato-o a óstias. E depois fum com mais de trinta anos, quando falei com a minha madrinha mais de hora e meia em galego.

- Algo que dizer aos leitores?
- Pois que leiam o resto da revista porque total para o que lhes vou contar eu...

Repugnante

CELSO ÁLVAREZ CÁCCAMO

O Reino de España, chefiado como sempre desde que lembro por um militar profissional, prepara-se mais uma vez para celebrar a conquista e o genocídio nesse repugnante 12 de Outubro, Día de la Hispanidad, Fiesta Nacional. Ainda bem que não sou espanhol, que muitos não somos espanhóis para levarmos essa vergonha nas costas. España, a ressessa España dos catecismos escolares, das enciclopédias Álvarez, das cruzes gamadas e latinas, da indivisível unidade, da asfixiante hagiografia e dos mártires do Alcázar e das réstias de repugnantes reis e rainhas, homenageia aquele mercenário Cristophorus Columbus, o mesmo indivíduo que negociou igualmente com o sequestro de escravos africanos em Portugal e com escravos americanos em Sevilha, o que inaugurou a peste e o extermínio, o mesmo indivíduo que alguns tristes patriotas catalães, portugueses ou galegos querem reivindicar como seu.

O repugnante dia da Fiesta Nacional verá, mais uma vez, o desfile de repugnantes exércitos e repugnantes bandeiras de repugnantes monarquias e repúblicas, numa infantil sinceridade espanhola que é de agradecer: porque a essência de España sempre foi o exército. Perante o palco populado de medalhas e sorrisos de pastel, de altezas e baixezas, de políticos hipócritas y otras altas autoridades civiles, católicas y militares, desfilará a essência de España. E quem desfilará com as suas melhores galas de feriado não serão docentes, electricistas, varredores, pessoal sanitário. Não desfilarão campesinhas, cabeleireiros, jubilados, empregadas, contáveis, marinheiros, juízes, jardineiros. Não desfilarão taxistas, parteiras, comerciais, tradutoras, vendedores, peixeiras, músicos, jornalistas, ferralheiros, alvanéis, terapeutas, operárias, poetas, fruteiros, biólogas, limpadoras, camareiros, redeiras, pintores, tratantes, secretários, desempregadas, recepcionistas, mineiros. Não. Desfilarão matadores profissionais, soldados, cabos, sargentos, tenentes, capitães, coronéis, comandantes, generais, carros de metal, aviões de metal, fuzis, mastros, metralha. Desfilará página a página a enciclopédia universal do assassínio legal, regulado, cristão, salvador. Desfilará letra a letra o infame artigo 8 da Constitución Española.

E assim, mais uma vez, España demonstrará transparentemente a sua vocação armada, imperial, grotesca, o seu fracasso histórico. E todos e todas saudarão bandeiras de cor de sangue e bílis, bandeiras com estrelas de dor, com águias predadoras, com coroas de ouro roubado, bandeiras com as eternas palavras do extermínio: América, Marrocos, o Sara, Guiné, Iraque, Líbano, Afeganistão, Haiti. Felizmente regressarão os EUA ao concerto hispânico dos amigos da morte. E firmes nos seus tronos democráticos, políticos que lixam a palavra "socialista" e políticos que lixam a palavra "popular", os mesmos que invadiram o Iraque e os mesmos que o abandonaram para continuarem no Afeganistão, para invadirem o Líbano cegamente fieis aos cães da guerra, celebrarão juntos a glória da Conquista, a heróica missão do Reino nos intestinos da prata e do ouro negro.

Do Cusco a Cabul, na mais antiga tradição monárquica, España continua a celebrar a épica da morte humanitária com o fulgor erecto de sabres e pistolas. Como sempre com essa monstruosa retórica da libertação cristã, democrática, ocidental. Como sempre desde que lembro. Como sempre até que a gente desse Reino decida deter a repugnante farsa.